



casa
nobre
um património
para o futuro

ACTAS

TOMO I

Memória Histórica
Arquivos e Documentação familiar

27 a 29 de novembro de 2014

casa das artes

arcos de valdevez



icha Técnica

Título:

**Actas do 4.º Congresso Internacional
Casa Nobre – Um património para o futuro**

Edição:

Município de Arcos de Valdevez

Data:

Novembro de 2017

ISBN:

978-972-9136-83-2

Comunicações

Conde de Barca: tendo resolvido nomear o Ministro
que me ha de servir na Secretaria de Estado. Ao
Conde o nomeio na dos Negocios Estrangeiros e
da Guerra, e na Secretaria da Casa de Bragança
Para a da Marinha nomeio Conde de Palmella:
Providente do Erario Joao Paulo Barenta: e na
dos Negocios do Reino o Conde dos Amos. O
Conde faça levar a Secreta reception. Palácio
do Rio de Janeiro — de Maio de 1817.

— Affonso — Rey

CASA GRANDE DE GRIJÓ. UMA CASA COMPRIDA ESQUECIDA SOBRE O VALE DO PAIVA

JOÃO LUÍS MARQUES *

Faculdade de Arquitectura. Universidade do Porto

E-mail: jlmarques@arq.up.pt

COLABORAÇÃO ACTIVA : ANA DAS MERCÊS OLIVEIRA

ELSA DANIEL DIAS

INÊS CRUZ ALMEIDA

MARIA GLÓRIA AREAL

MIGUEL MENEZES

[...] casas nobres com capela, casa de caseiros contíguas e outras mais no dito lugar de Reriz, Casal e Caniçais da freguesia de Reriz com todos os campos e terras de pão e vinho, olivais, soutos de castanha e montes de natureza e de prazo e livres de alodiais, foros, moinhos e barco no sítio de Cabaços no rio Paiva pertencentes à dita casa de Grijó [...] tudo sito nas freguesias do Gafanhão, São Martinho das Moutas e Reriz, concelho do Sul e na de Pinheiro, concelho de Moção, hoje anexado ao de Castro Daire e na freguesia de São Francisco d'Orgens do de Viseu, com todos os móveis e alfaias de uso da casa e da Capela, tulhas, vasilhas e mais utensílios dos celeiros e adegas das casas de Grijó e de Reriz, madeiras serradas, vacas em poder de alguns caseiros e dívidas existentes assim por escrituras públicas como por escritos e rores de caseiros e outros devedores [...] em razão de se acharem muito precisadas de custosos reparos as casas e grande parte dos prédios desde muitos anos, não obstante os que lhes temos feito desde a nossa administração e por estar a tanta distância desta casa de nossa residência nos ser muito dispendiosa e não acharmos quem mais desse depois de muitas diligências pelo preço e quantia certa de oito contos de reis metal¹.

Assim descreviam os bens, D.^a Isabel Cardoso Coelho Nobre e seu marido Rodrigo Monteiro Corrêa de Vasconcelos Guedes Mourão (herdeiros do morgado de Grijó do Paiva, por morte de seus pais e sogros, José Xavier Cardoso Coelho Nobre e esposa), num manuscrito preparatório da venda da casa de Grijó, datado de 20 de Outubro de 1843. Nele, propunham a venda a Joaquim de Almeida², senhor da casa de

* O presente trabalho é resultante do desenvolvimento da investigação realizada com os alunos no âmbito da unidade curricular "História da Arquitectura Portuguesa", do mestrado integrado em Arquitectura, da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, no ano lectivo 2014-2015.

¹ [Manuscrito preparatório da venda da casa de Grijó, 20.10.1843]. Cf. CARVALHO, Abílio Pereira de – "A Casa de Grijó". In *Voz do Montemuro*, 19.07.1985, pp. 6-7.

² "No lugar de Grijó, d'esta freguezia, reside o sr. Joaquim de'Almeida, oficial do exercito realista, um dos mais ricos lavradores do districto administrativo de Viseu, e o cavalheiro mais popular d'estas terras". [...] "um verdadeiro portuguez, dos de antes quebrar que torcer. É homem chão e despretensioso, bemfazejo e religioso, o typo (hoje rarissimo) do verdadeiro lavrador portuguez". PINHO LEAL, Augusto – *Portugal antigo e moderno*. Lisboa: Editora Mattos Moreira, Lisboa, 1873-1890, pp. 245 e 325.

Chão de Forno (Gafanhão), que viria a comprar parte dos bens que tinham integrado o “Morgado imposto na Capela de Nossa Senhora da Conceição”, pelos irmãos Manuel Ribeiro Coelho e Maria Coelho, a 7 de Agosto de 1631 [?]³. Entre os bens comprados estava a casa grande que nos propomos tratar.

LOCALIZAÇÃO E CONTEXTO DA CASA

Este estudo pretende revelar a singularidade e excepcionalidade da Casa Grande situada no lugar de Grijó, na actual freguesia de Reriz-Gafanhão, duas antigas vilas, hoje pertencentes ao concelho de Castro Daire. Hoje esquecido e em ruína, o solar possui uma situação territorial privilegiada no cimo de um cabeço frente à Serra de Montemuro, assumindo uma posição de visibilidade e de domínio sobre o vale do Paiva, a jusante de Castro Daire e a montante de Alvarenga (Arouca).

A existência deste Solar faz sobressair a pequena aldeia de Grijó na comparação com outras povoações da beira Paiva. Grijó não é o único aglomerado com uma construção nobre. A esta Casa Grande juntam-se, ao longo da várzea de Reriz, as quintas do Testamento, de Rabelo (antiga honra medieval), do Outarelo e a Casa Pinto Ribeiro, esta já no núcleo da antiga vila⁴. Contudo a Casa Grande de Grijó é, sem dúvida, o mais exuberante solar barroco daquela vizinhança.

Ao contrário das casas anteriormente identificadas, próximas das margens do Paiva, a de Grijó ocupa uma posição estratégica a meia encosta.

O corpo principal da casa, que faz parte de um conjunto de construções que cresceram ao longo do tempo, é de geometria rectangular e implanta-se no território no sentido Norte-Sul, tirando proveito de duas frentes. Por um lado o topo da Casa apontado a Norte, relaciona-a com o Rio Paiva; por outro, a fachada barroca principal, voltada Nascente, é frontal ao antigo caminho de acesso à povoação.

A fachada norte com 30 metros de extensão, vista do antigo sítio do barco em Cabaços, onde foi construída uma ponte a mando de Joaquim de Almeida (comprador do Solar), “esconde” a pequena aldeia⁵.

Do lado nascente, a imponente fachada barroca foi criteriosamente orientada. A porta principal encimada pelo brasão de armas parece ter sido alinhada com o eixo da antigo caminho, adquirindo o percurso de acesso à casa um forte carácter cenográfico, principalmente no troço ascendente vindo de Reriz, à chegada da povoação⁶.

Em suma, podemos dizer que a casa foi implantada na paisagem respondendo a dois requisitos de natureza distinta: domínio sobre o vale e presença urbana de grande impactu.

³ Encontra-se no Arquivo Distrital de Viseu um traslado da instituição do vínculo (PT/AD. VIS/D. IO/CVIS/005/005), datado de 1708. Este documento refere como ano de instituição do morgado, 1631. A pesquisa genealógica sobre os irmãos instituidores, ainda que inconclusiva por falta de dados, leva-nos a crer que a data real seja 1681, e não 50 anos antes conforme dita o traslado. Desta forma, o morgado teria sido instituído 10 dias antes da morte de uma dos instituidores, Manuel Ribeiro Coelho (f. Grijó 17.08.1681), que deixou juntamente com a sua irmã Maria Coelho os bens aos sobrinhos. Ver apêndice genealógico no final da comunicação.

⁴ “Epitacio d’Almeida, fundou, junto ao rio Paiva, no bispado de Viseu, a quinta de Rebello, primeiro solar d’esta família.” “[...] Castros das treze arruelas, senhores (hoje condes) de Rézende, os quais tinham aqui uma antiqúissima casa, que hoje é foreira à nobre família dos Pinto Ribeiro.” “A distancia de um kilometro da villa de Réziz, está a nobilíssima casa do Testamento, de cuja família descendia o eremitão Leovigildo Pires d’Almeida [...]”. Esta casa é hoje de [...] sr. António Maria d’Almeida Azevedo da Cunha e Vasconcellos, feito visconde de Réziz, em 18 julho de 1866.” Cf. PINHO LEAL – *Portugal antigo e moderno...*, 1873-1890, pp. 150 e 152.

⁵ Consta das actas da Câmara Municipal de Castro Daire o pedido de para “[...] reformar a ponte do Paiva que por ele [Joaquim de Almeida] foi edificada no sitio de Cabassos visto acharse já muito deteriorado o pavimento da mesma [...]” [24.04.1876]. A ponte de pedra acabou por ruir em meados da década de 1960 e foi substituída por uma nova concluída no final da mesma década. Cf. CARVALHO, Abílio – *Castro Daire, Indústria, Técnica e Cultura*. Castro Daire: Câmara Municipal de Castro Daire, 1995.

⁶ A estrada municipal (M559), rasgada já no segundo quartel do século XX, passa acima do núcleo descrito, não se relacionando directamente com o solar.

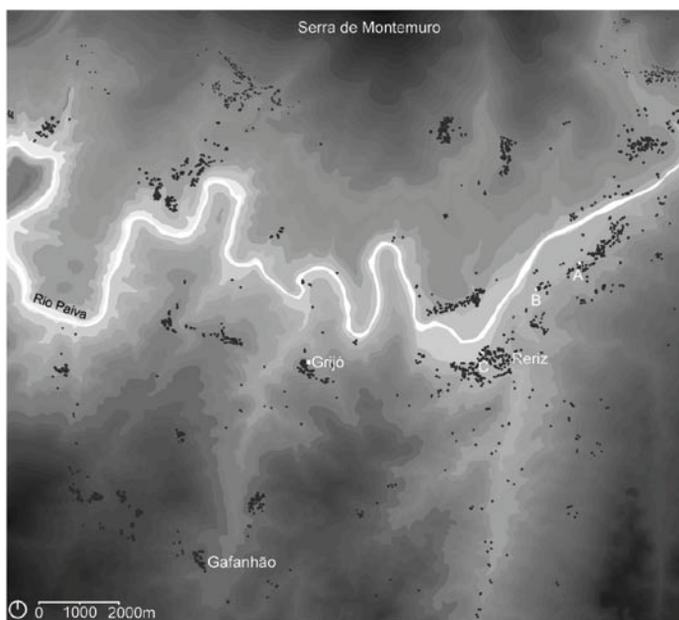


Fig. 1 – Planta topográfica do Vale do Paiva.
A- Quinta do Testamento; B- Casa de Rebelo Pinto Ribeiro.

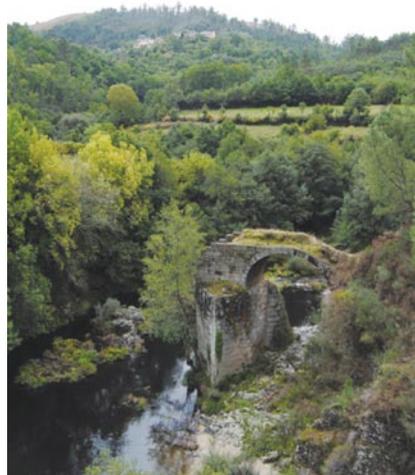


Fig. 3 – Casa vista da Ponte de Cabaços.

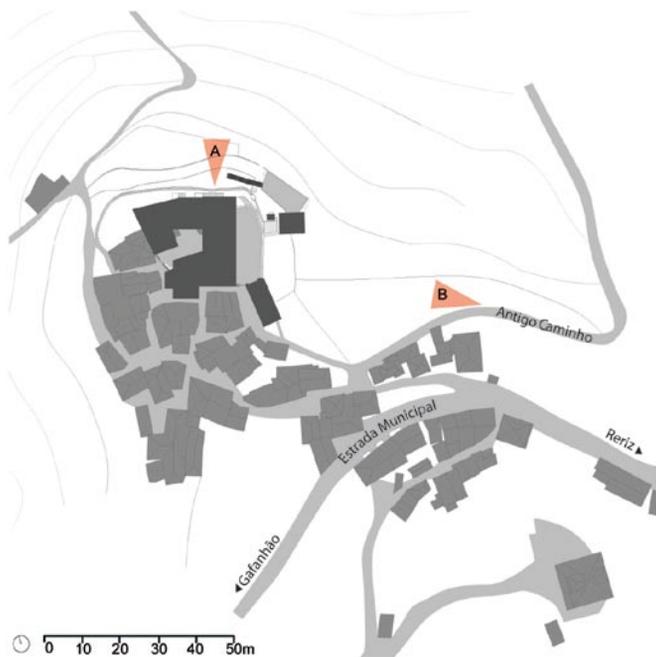


Fig. 2 – Planta de Grijó.



Fig. 4 – Vista da casa para o vale (A).



Fig. 5 – Casa vista do antigo caminho (B).



Fig. 6 – Estado actual da Casa.

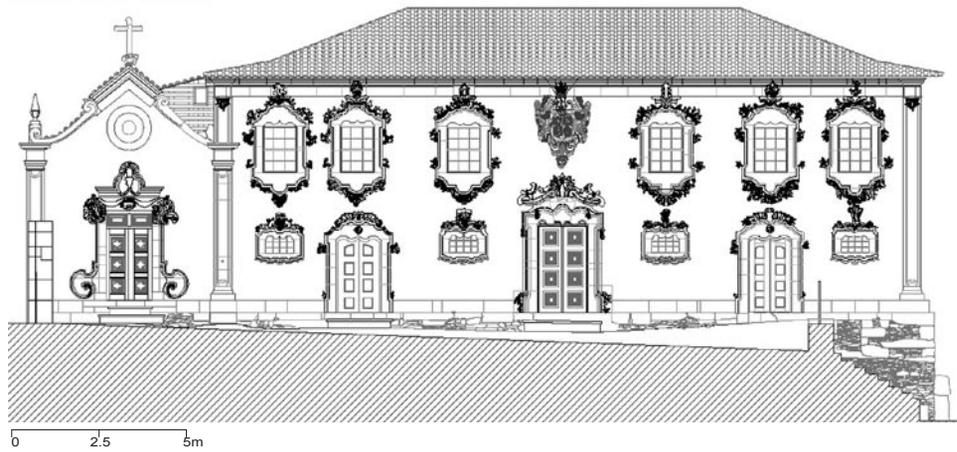


Fig. 7 – Alçado Principal Nascente.



Fig. 8 – Fotografia do terreiro da casa (1950).



Fig. 9 – Pormenor da fachada.

INSERÇÃO DA CASA NUM PEQUENO AGLOMERADO RURAL

A Casa Grande está inserida num pequeno aglomerado compacto, que ainda preserva um núcleo de construções tradicionais em xisto e granito. A diferença de escala entre as casas tradicionais e o solar, que ocupa cerca de 1/5 da área do núcleo da aldeia, reforça a importância da casa naquele lugar. Apesar das paredes serem construídas segundo as mesmas técnicas tradicionais, facilmente podemos imaginar, há não muitos anos atrás, o contraste da grande casa caiada e ricamente ornamentada face às outras simples de alvenaria de xisto.

O acesso principal à casa é feito por uma rua estreita da aldeia que conduz ao terreiro – espaço amplo de desafogo que se abre sobre o vale e o monte. Este espaço exterior de acolhimento, fronteiro à casa e capela, é um espaço nivelado, alongado e limitado por um muro e gradeamento, uma plataforma rodeada de socalcos que envolvem a casa.

O acesso público ao terreiro foi condicionado por um portão colocado entre a capela e uma construção anexa da Casa Grande. Esta antiga dependência da casa, transformada em habitação, ocupa uma posição sensível face à fachada do solar. Fotografias antigas, do álbum dos actuais proprietários, revelam a existência desta construção quando ela apresentava ainda o primeiro piso em tabique, janelas de guilhotina de madeira – uma construção tradicional diferente daquela que ali hoje existe. Nessas fotografias constata-se que o terreiro da casa era um espaço de reunião da aldeia, lugar de celebração e festa frente à Capela Nossa Senhora da Conceição. Uma capela privada ao serviço da povoação, como testemunham documentos e escritos do início do século XVIII que dão notícia de procissões entre a capela da Casa e a da Nossa Senhora Rodes, no alto Monte das Cabeçadas⁷.

ORGANIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DOS ESPAÇOS EXTERIORES

Para além do terreiro, a casa possuía outros espaços exteriores adjacentes. Distribuídos em socalcos que vencem o desnível do terreno, aos quais se acede por escadas nos muros de xisto, estavam as ramadas, a eira, o canastro, um tanque, entre outros elementos de apoio ao bom funcionamento da Casa. Num destes socalcos, articulando o nível do tanque e o da eira, existe uma pequena construção em xisto com cobertura de quatro águas em ardósia. Tratar-se-ia, provavelmente, de uma pequena construção de apoio à actividade agrícola, que ainda hoje se conserva intacta. Associado à eira, o canastro (espigueiro) em ruína, restando os peões, as mesas e as traves de castanho que suportavam o corpo superior em madeira. Esse canastro ocupa uma posição no terreno bastante interessante, assente sobre a escada e um muro que limita a eira. A articulação dos diferentes corpos e espaços que compõem este pequeno conjunto revela um apurado saber fazer, característico da arquitectura tradicional. Numa das plataformas, junto a um pequeno laranjal, existem vestígios de buxo que podem indicar a presença de um antigo espaço de jardim, cuja existência não seria de espantar dada a qualidade da casa.

⁷ Estatutos da Irmandade da Senhora do Rosário da capela de Nossa Senhora de Rodes, ano de 1725 – “Statuto 3.º”, cópia de Alexandre Alves. “E porque o corpo desta Ermida [de Nossa Senhora de Rhodes] ficava situado no distrito de Reris, & Capella mòr no de Gafanhaõ; daqui nascêraõ ao depois algumas contendas entre os Abbades de Reris, & di Gafanhaõ; & se vieraõ a compor, & concordar [...]. Esta procissão se a junta hum anno em a Parochia de São Martinho de Reris, que dita da Ermida da Senhora quasi hum quarto de legoa; & outro na Igreja de Grijò (que he hum Lugar da Freguesia do Gafanhaõ, que terá vinte & cinco fogos) que dista outro tanto, & fica à parte do Occidente. E destas Igrejas aonde se ajuntão, sahem congregadis, & em comunidade para a Ermida da Senhora de Rhodes.” Fr. Agostinho de Santa Maria – *Santuário Mariano e História das imagens milagrosas de Nossa Senhora*, Tomo V, Livro II, Título III – Da imagem de Nossa Senhora de Rhodes. Lisboa. 1716; pp. 156-157 e 159.

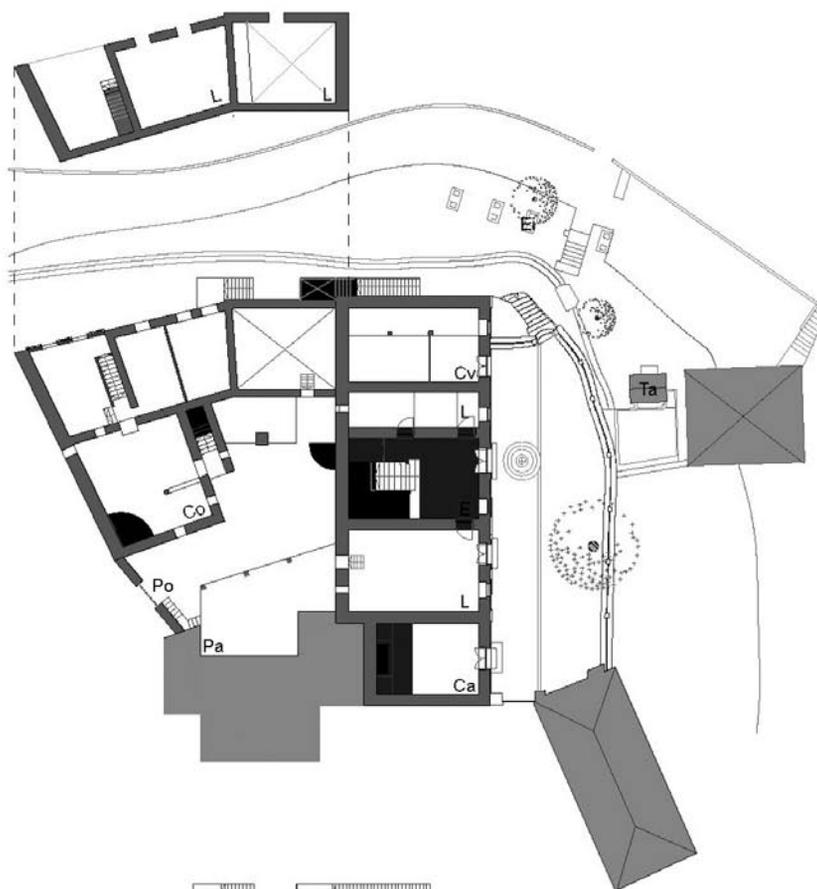
Piso Enterrado

L – Lojas

Piso Térreo

Ca – Capela
L – Lojas
E – Entrada
Cv – Cavalariças
Co – Cozinha

Po – Porteira
Pa – Palheiro
Ta – Tanque
Ei – Eira e espigueiro



Piso Nobre

Ca – Capela
S – Salas
A – Alcovas
R – Retrete

Piso de Serviços

C – Compartimentos



0 2,5 5 7,5 10m

Fig. 10 – Plantas da Casa Grande.



Fig. 11 – Porteira.



Fig. 14 – Cavalariças.



Fig. 17 – Palheiro.



Fig. 12 – Capela.



Fig. 15 – Entrada.



Fig. 18 – Busto.



Fig. 13 – Alcovas.



Fig. 16 – Sala Nobre.



Fig. 19 – Acesso ao Coro.

O conjunto edificado da Casa Grande de Grijó é formado por um corpo principal, no lado nascente, e por outros dois corpos que se desenvolvem perpendicularmente ao primeiro na sua parte posterior, formando um U, envolvendo um quinteiro que tem acesso à via pública a poente. Esse quinteiro, limitado por porteira, palheiro, lagar, casa de habitação e cozinha, é testemunho da arquitectura tradicional beirã – um universo que se esconde por detrás do corpo principal com capela e de arquitectura tão erudita que parece nada ter a ver com o contexto. A Casa Grande, tal como se nos revela hoje, é a síntese desses dois mundos.

Na corpo principal da Casa Grande de Grijó, tal como acontece em grande parte das casas nobres, existe uma disparidade entre o tratamento cuidado na decoração exterior e a simplicidade sóbria do interior.

ORGANIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DOS ESPAÇOS INTERIORES

No piso térreo situam-se a entrada nobre e alguns espaços de serviço, enquanto as divisões mais importantes ocupam o primeiro piso, o andar nobre. A leitura do corte transversal da casa ajuda a perceber o esquema geral de organização: o piso térreo e o andar nobre voltados ao terreiro nascente; e um segundo piso – sem leitura na fachada principal – voltado ao quinteiro a poente.

A entrada da casa ocupa o módulo central e é o compartimento de maior destaque do piso térreo pois inclui a escadaria interior de acesso ao andar nobre, solução pouco comum fora de contextos urbanos. Uma das particularidades desta escadaria é encontrar-se desalinhada do eixo da porta principal. A escadaria, com 1,95m de largura, é dividida em dois lanços com patim iluminado por um janelo para o quinteiro. O chão desta entrada, em lajeado de granito, era rodeado por paredes caiadas (com molduras dos vãos pintadas a cinza azulado), sendo o tecto de madeira e com vigamento aparente. O trabalho de cantaria aparente limita-se à decoração do cunhal do lanço da escada, bem menos trabalhado do que as cantarias exteriores. Ainda que não se tenha encontrado qualquer registo fotográfico da escadaria, sabe-se que era de grande aparato com balaustrada em granito pontuada por bustos⁸.

Associado a este módulo de entrada, e exclusivamente ligado a ele, existe um compartimento a toda a profundidade da casa, cuja função se desconhece. Também a adega desfrutava de acesso interior, sendo igualmente acessível quer pelo terreiro, quer pelo quinteiro⁹. A outra loja existente no piso térreo, possivelmente destinada a cavalariças, ocupa o espaço mais a norte, apenas com uma entrada pelo terreiro. O pavimento das lojas é de terra batida e as paredes são de alvenaria de xisto aparente, características que distinguem claramente estas áreas de serviços das de habitação.

O estado de degradação actual da casa impediu o acesso ao andar nobre, limitando o estudo desta área. Apesar das dificuldades, as fotografias tiradas antes da derrocada da cobertura e as memórias dos proprietários tornam possível a caracterização e a compreensão dos espaços¹⁰.

Os compartimentos do primeiro piso contrastam com as divisões do piso térreo. Se no piso térreo a compartimentação é definida unicamente pelas paredes portantes, no primeiro piso para além das paredes mestras existiam tabiques interiores.

Neste andar destacamos três salas contíguas, de forma quadrangular, com as paredes rebocadas, e com os pavimentos, rodapés, lambris e tectos em madeira. Uma particularidade comum nas três salas é

⁸ Dos seis bustos colocados sobre o corrimão, cinco foram vendidos desconhecendo-se o seu paradeiro actual. Apenas foi possível localizar um, ainda à venda numa loja de antiguidades – Arte Antiga (Nelas). O busto de 40 cm de largura e 75 cm de altura apresenta pequenos vestígios de pintura, o que nos leva a levantar a hipótese de se tratarem de esculturas policromadas. A balaustrada também foi vendida.

⁹ Enquanto a porta voltada para o terreiro apresenta um moldura em cantaria, o vão de acesso ao quinteiro parece ter sido rasgado posteriormente, não apresentando nem ombreiras nem lintel em granito.

¹⁰ A derrocada parcial da cobertura do imóvel deu-se por volta de 2010.

tensão criada pela diferença de escala entre a dimensão dos enormes vãos exteriores e dos interiores, bem menores, todos eles guarnecidos de caixilharias almofadadas em madeira pintada¹¹. É interessante notar que as três salas, propunham ambientes diferenciados, como mostram os tectos e a posição das janelas.

A sala do meio, com tecto de forro moldurado, cujo acesso se fazia pela escada nobre, comunica com as outras duas salas através de portas rasgadas, frente a frente, nas paredes mestras. O trabalho de cantaria interior limita-se às duas molduras existentes nesses vãos. Desta sala central saía um corredor de acesso aos compartimentos de serviço situados no segundo piso, já referido¹².

Apesar da centralidade da sala anteriormente descrita, a sala a Sul – a maior do piso nobre, com 30m² – era a única com tecto em masseira e lambril pintado. A partir dela acedia-se ao coro alto da capela e a duas pequenas alcovas. As alcovas, que não teriam mais do que 9m², eram compartimentos com pé-direito baixo e sem luz natural, ainda que limitados por uma parede exterior. Já os compartimentos de serviço do segundo piso, localizados sobre as alcovas, têm janelas com molduras de cantaria associadas à cornija. Apesar de estes vãos estarem numa fachada posterior da casa, de natureza secundária, foram tratados com cuidado e regra, demonstrando a qualidade da construção.

Na parte norte da casa existe uma ligação ao corpo adossado a poente¹³ onde, na extremidade, está o mais amplo compartimento – a cozinha¹⁴. Ainda no topo norte do corpo principal, ao nível do primeiro piso, situa-se uma porta para o exterior, rematada com cantaria de granito, sem que haja qualquer marca de pré existência de uma guarda, de um balcão, de uma varanda ou escada de acesso ao exterior. Uma situação que causa estranheza e que carece explicação.

No extremo oposto da casa situa-se a capela¹⁵, cuja bênção foi realizada pelo licenciado abade de Reriz, Luís Brás Coelho Cardoso, a 8 de Dezembro de 1768. O processo do pedido da bênção refere que o requerente queria “*mudar e fazer de novo*” a capela de Nossa Senhora da Conceição. Segundo Alexandre Alves, o abade terá mandado “reedificá-la junto das suas casas que na mesma quinta, sumptuosamente, então andava fazendo”¹⁶. Se por um lado tudo indica que se tenha feito um aproveitamento de algumas pedras da capela original, sendo possível reconhecer ainda uma matriz clássica na composição (vejam-se os elementos como os cunhais com capitel e cornija, o vão com lintel recto encimado pelo óculo circular destacado), por outro, o trabalho do pórtico da capela remete para o período barroco (vejam-se as volutas que ladeiam a entrada). Ao comparar o portal da capela e o da casa propriamente dito, torna-se evidente o recurso a linguagens diferenciadas, da capela e da fachada do corpo principal, sendo o desenho e a ornamentação portal da capela menos inventivo do que os trabalhos de cantaria da casa, estes bem mais ao gosto da fase tardia do século XVIII. A leitura do alçado principal da casa torna evidente as duas partes que o constituem: o corpo horizontal da casa e a capela de tramo único rematada por cimalha triangular, localizada a sul do primeiro.

¹¹ As portadas dos vãos exteriores, voltados para o terreno, eram dotadas de postigos.

¹² Para além do acesso ao piso da cobertura, uma porta rasgada na fachada posterior do corpo principal, servia a “retrete”, situada sobre quinteiro, numa construção de tabique adossada à casa. Não foi possível datar esta construção.

¹³ Apesar de não podermos afirmar com certeza absoluta, colocamos a hipótese que o volume a nascente seja resultante da transformação de uma construção anterior à do corpo principal, vejam-se o nível das fundações e a as cantarias da janela, na parede sul voltada para o quinteiro.

¹⁴ A cozinha térrea situa-se junto à porteira do quinteiro, estando portanto afastada do corpo principal da casa. É um compartimento quadrangular, que soma aproximadamente 50 m², tem piso lajeado em granito e cobertura de ardósia, não havendo chaminé. Existe um forno de lenha e junto a ele um antigo caniço. A iluminação do espaço é garantida por três pequenas aberturas.

¹⁵ Sobre o interior da capela pouco podemos adiantar para além das paredes rebocadas e de uma cobertura abobada em madeira. Do retábulo vendido não há qualquer registo, assim como não há das três imagens referidas na bênção.

¹⁶ ALVES, Alexandre; CORREIA, Alberto; VAZ, João L. Inês – *Castro Daire*. Castro Daire: Câmara Municipal de Castro Daire; 1986, p. 245.



Fig. 20 – Perfis.



Fig. 21 – Possível janela pré-existente do corpo adossado.



Fig. 22 – Fachada Poente do corpo principal.

Uma leitura da planta do piso térreo evidencia a justaposição de dois volumes de profundidades diferentes, situação também comprovada pela parede de meação entre a casa e a capela, acima de cuja linha de beirado a alvenaria de xisto deu lugar a uma de tabique.

Ao rigor da fachada barroca da Casa Grande contrapõe-se um interior que, como vimos, não espelha uma organização condizente: a simetria presente na ordenação dos vãos não tem correspondência directa na distribuição destes pelos diferentes compartimentos. Fica a impressão de a obra não ter sido completamente planeada e construída de raiz¹⁷. Perante a impossibilidade de datar com exactidão a obra da fachada e o desconhecimento de documentos de família esclarecedores, resta-nos o olhar atento e curioso que nos permita lançar hipóteses sobre as etapas da construção da casa.

A eixo do alçado situa-se a porta de entrada principal e, sobre esta, o **brasão da família** composto pelos quartéis “Câmara, Coelho, Coelho e Cardoso”¹⁸. É uma peça de grande valor escultórico que impressiona, também, pela sua tridimensionalidade, sendo o elemento que mais sobressai da parede, ao contrário do restante trabalho de cantaria muito pouco saliente. Estranhamente estas armas diferem das registadas no Cartório da Nobreza a 2 de Setembro de 1805, passadas a José Xavier Cardoso Coelho Nobre que sabemos ter sido administrador do Morgado, cujo escudo esquartelado “teria no primeiro quartel as armas dos Nobres, no segundo as dos Teixeiras, no terceiro as dos Coelhos, e no quarto as dos Cardosos”¹⁹.

A investigação genealógica desenvolvida paralelamente ao trabalho de levantamento do edificado, revelou a importância do cruzamento da família beirã “Coelho Cardoso” com a alentejana “Ramos Nobre”, oriunda da quinta da Salvada termo da cidade de Beja. Aliás, tudo aponta para que a encomenda da fachada da casa, de gosto barroco tardio, tenha sido realizada num período subsequente ao enriquecimento da família. Apontamos, como hipótese, ser o casamento celebrado em 1771, entre a sobrinha do abade Brás Luís Coelho Cardoso, D. Rosa Joaquina Teixeira Coelho e Feliciano Ramos Nobre Mourão, colega do Abade na Universidade de Coimbra, um marco chave na ascensão económica da família. Note-se que Feliciano Ramos Nobre, pai de José Xavier Cardoso Coelho Nobre, desempenhou as seguintes funções no Reino e Colónias: a de familiar do Santo Ofício (1757), a de cavaleiro da Ordem de Cristo (1758), a de ouvidor geral da comarca do Pará (1761), a de desembargador da Relação do Porto (1763), a de ouvidor geral para a Índia (1774) e a de Secretário do Estado da Índia e Conselheiro do Conselho Ultramarino, tendo lhe sido atribuída as cartas de Título de Conselho e de Desembargador da Mesa do desembargo do Paço (1786), entre outras. Ora, traçando este perfil familiar, facilmente encontramos justificação e pertinência para a (re)construção da casa nobre de onde era natural D. Rosa Joaquina, nascida em Grijó em 1756 e emigrada para Goa (Daugim) com pouco mais de 15 anos de idade, que manteve seus irmãos a administrar a propriedade na sua terra natal. Desta forma, encontramos no vale do Paiva, a repetição da história de tantos solares minhotos e durienses construídos, de raiz ou renovados, com requinte que espelha uma cultura arquitectónica erudita, à custa de fortunas oriundas do Brasil e da Índia.

¹⁷ O aparelho visível, no topo norte da casa, ao nível das fundações reforça a ideia do volume principal ter sido assente numa construção pré-existente. O limite norte do terreno, anterior ao da casa, revela um aparelho de xisto e granito sob a linha do embasamento que parece conter um vão encerrado. O desencontro do cunhal da casa com o limite do terreno acentua a verticalidade do corpo principal na sua fachada voltada a norte.

¹⁸ O apelido “Câmara”, que julgamos representado no primeiro quartel do brasão, não aparece associado a nenhum ascendente de José Xavier, assim como não foi identificado nos registos paroquiais do Gafanhão e de Reriz daquele período. Por isso, colocamos a hipótese (reconhecendo o pouco conhecimento que temos na área de heráldica) de se tratar de um “erro”. Encontraríamos justificação caso se tratasse de uma tentativa de representação das armas da família Ramos Nobre – lado paterno do requerente. Note-se que as armas da família “Ramos” e “Câmara” contêm os mesmos elementos iconográficos – leões e castelos.

¹⁹ Cf. BAENA, Sanches de – *Archivo Heraldico Genealogico*, Liv.VI. Lisboa: Typographia universal de T. Q. Antunes, 1872, fl. 216v.



Fig. 23 – Pormenor do corte da cornija.



Fig. 25 – Brasão.



Fig. 24 – Porta da Capela.



Fig. 26 – Porta principal da Casa.

O ALÇADO PRINCIPAL

O alçado da casa desenvolve-se horizontalmente numa relação de 1:3, integrando portanto a categoria de “casa comprida” enunciada por Carlos Azevedo. A altura da casa (da soleira da porta principal à cornija) corresponde a 1/3 do comprimento, que perfaz 22 metros ou, por outras palavras, 100 palmos. A exactidão destas medidas, confirmadas pelo exercício de levantamento, revelam o rigor com que foi executada a obra. Os 100 palmos que aqui identificámos, aproximam a fachada da Casa Grande de Grijó da de outras casas nobres, como a beirã de Darei (Mangualde) ou a trasmontana dos Calainhos (Valpaços).

Na fachada nobre é evidente a marcação dos **cunhais**, principais componentes da estrutura vertical. Apesar de fazerem parte do mesmo alçado os cunhais apainelados apresentam diferenças nos seus remates superiores: os da capela, são rematados por um capitel e entablamento; enquanto na casa, o capitel foi anulado, sendo substituído por um elemento decorativo de desenho barroco, a que corresponde um ligeiro ressalto do entablamento. Estas diferenças são facilmente identificáveis no cunhal norte da capela, a que se sobre põe a pilastra da casa. Tal sobreposição, a juntar às diferenças ao nível da caracterização ornamental, reforça a convicção da construção da faseada da Casa Grande, apontando para que a fachada seja posterior à (re)construção da capela e portanto realizada ainda pelo abade Brás Luís Coelho Cardoso ou um seu sucessor. O corte recto da cornija no topo sul da casa sugere a intenção de vir a integrar o alçado da Capela na fachada da casa²⁰. Esta solução de conjunto, a ser construída, remeter-nos-ia para outras fachadas de solares que integram capela, como por exemplo, o caso do Solar dos Condes de Prime, situado em Viseu, também do século XVIII.

O alçado nascente procura elevar ao máximo o estatuto social da família que representa. Neste sentido, a fachada foi dotada de uma enorme complexidade na qual o desenho de todos os elementos que a compõem foi levado ao limite, ao ponto de a ornamentação não se repetir. Notem-se as diferenças e variações das molduras dos **vãos**, que testemunham uma enorme liberdade do gesto criativo, tal como acontece na casa duriense – Casa do Cabo (S. João da Pesqueira).

Ao comparar as seis janelas do piso nobre é perceptível a crescente complexidade, de sul para norte, dos ornamentos que as envolvem, principalmente no desenho das franjas presentes na parte inferior das molduras das janelas de guilhotina com avental²¹. Se estas diferenças podem parecer pouco evidentes num primeiro olhar, repare-se na subtileza do desenho assimétrico dos ornamentos das ombreiras das janelas, assim como dos remates que se sobre põem ao entablamento. O desenho das molduras que à partida parece repetir-se, acaba por revelar-se diferente em todas as situações. É interessante notar ainda o efeito de profundidade que esta decoração esculpida, pouco saliente adquire graças ao efeito luz/sombra que a fazia ressaltar do pano branco da parede.

Contrariamente à colocação dos caixilhos envidraçados à face exterior da aduela no andar nobre, as carpintarias do piso térreo assentam sobre a gola, tornando mais evidente o desenho dos **lintéis contracurvados**. Neste piso eles diferenciam-se, sendo o mais complexo o da entrada principal. O trabalho de madeiras, com portas ricamente almofadadas²², acompanha e acentua a diferenciação do trabalho do granito esculpido, percebendo-se uma clara unidade da obra resultante da combinação das diferentes

²⁰ No topo Norte da casa a cornija dobra o cunhal, não sendo o corte recto o remate existente.

²¹ É possível encontrar semelhante motivo decorativo nas janelas da casa dos Calainhos, na aldeia de Fornos do Pinhal, concelho de Valpaços.

²² As portas de madeira de castanho apresentam vestígios de um pintura de tom avermelhado, sobretudo nas zonas menos expostas às intempéries, onde a cor ainda permanece bastante viva.

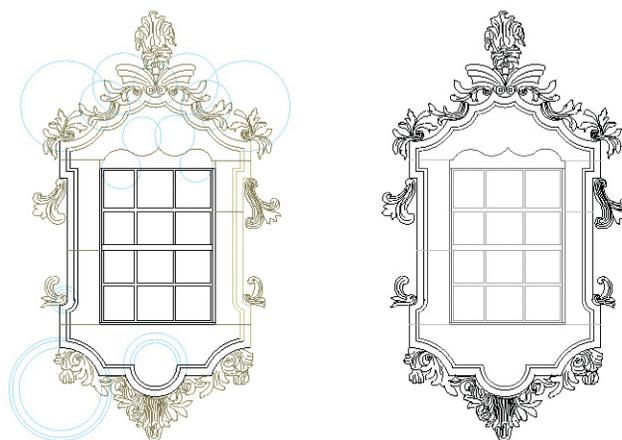


Fig. 27 – Composição da janela do Piso Nobre.

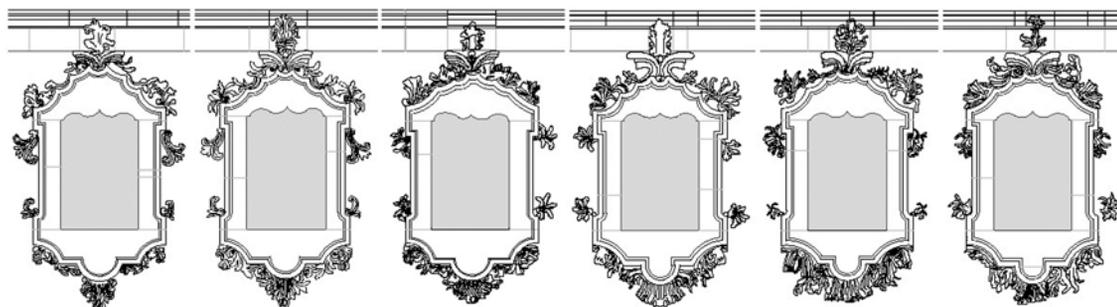


Fig. 28– Vãos do Piso Nobre – sequência Sul Norte.



Fig. 29 – Janela do Piso Nobre.



Fig. 30 – Aproximação das molduras dos vãos entre pisos.

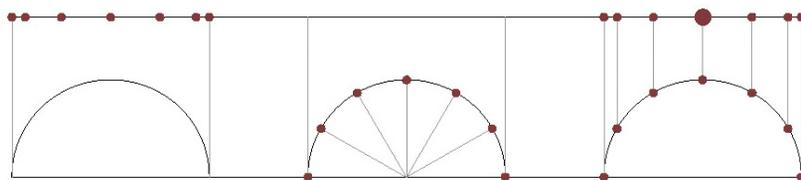


Fig. 31 – Convexidade Latente – Esquema geométrico.

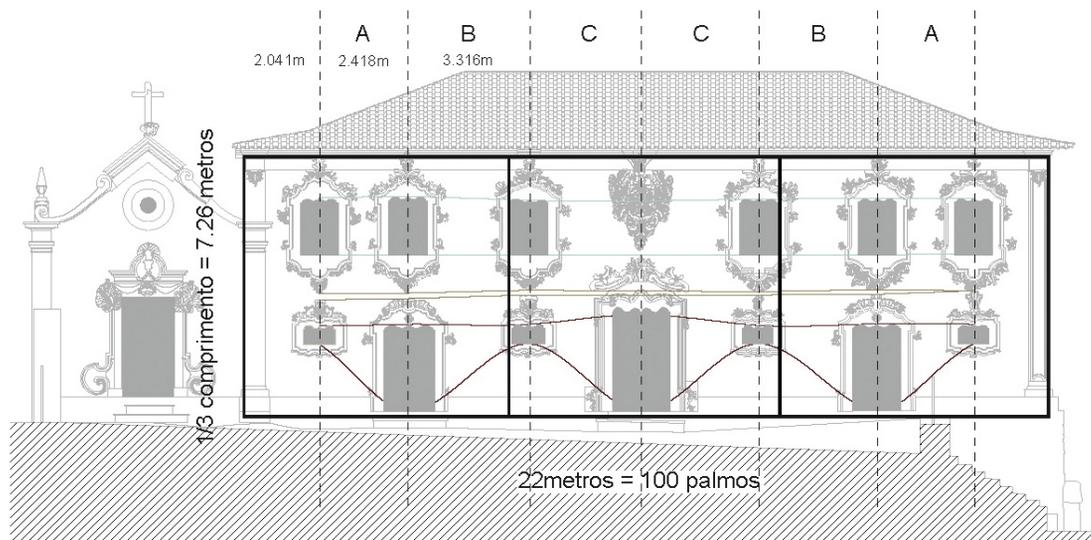


Fig. 32 – Análise compositiva.



Fig. 33 – Corte longitudinal.

artes – cantaria e carpintaria. O tamanho e desenho dos vãos varia consoante a função que desempenham, sendo por isso evidente o investimento na caracterização no de maior dimensão, face aos vãos menores das “lojas”.

Numa análise estratificada do alçado principal, que parte da leitura cheio-vazio, é perceptível a importância do trabalho de cantaria e de ornamentação. Referimos ainda a distância entre os vãos do piso térreo e seus correspondentes do andar nobre, francamente próximos e pontualmente quase unidos pelos ornamentos que os envolvem. Esta situação sugere uma ideia de verticalidade e elegância entre vãos de diferentes pisos, que contraria a forte horizontalidade do corpo principal²³.

Outro efeito ou jogo barroco presente nesta fachada é resultante do tipo e **ritmo** de aberturas existentes, que conferem dinamismo e movimento na fachada que é plana. Se no piso térreo, francamente menos rasgado que o andar nobre, a alternância postigo-porta-postigo cria um movimento ondulatório, no primeiro piso a repetição de um mesmo módulo de janela confere uma maior estabilidade, veja-se o esquema realizado.

No que toca à composição do alçado, os vãos não foram dispostos de forma equidistante, note-se a proximidade das janelas das extremidades e o maior afastamento das duas centrais, separadas pelo brasão de armas. A disposição obedece a uma clara regra de espaçamento entre eixos verticais²⁴, que se poderia traduzir num ritmo do tipo A-B-C-C-B-A. Assistimos a um aumento gradual do espaçamento, do cunhal para o centro da casa, que o exercício de levantamento permitiu identificar: 9 palmos (A), 11 palmos (B), 15 palmos (C)²⁵. Estas variações sugerem uma convexidade latente no alçado, passível de ser lida a partir de um pequeno exercício de geometria. De facto os espaçamentos diferenciados ao longo da horizontal da fachada, correspondem a distâncias iguais ao longo de uma curva de cujo rebatimento resulta aquela diferenciação. Tal exercício de geometria enfatiza o eixo central da composição do alçado, onde propositadamente figuram o brasão da família e a entrada principal²⁶.

Apesar de pouco ou nada sabermos sobre a autoria deste projecto, ou de quem nele tenha trabalhado²⁷, o estudo desta *casa comprida esquecida sobre o vale do Paiva* revelou o valor indiscutível de uma obra que bem mereceria preservar. Uma obra que parece resultar de uma vontade de construir uma arquitectura erudita executada por inventivas mãos populares. Na nossa condição de investigadores tivemos o privilégio de a conhecer e registar. Perante a aparente inevitabilidade da derrocada completa da casa, assumimos a responsabilidade de a dar a conhecer, contribuindo assim para o conhecimento destas grandes casas construídas, e por vezes esquecidas, em tão pequenos lugares.

²³ Outra particularidade interessante é o facto dessa ornamentação se aproximar gradualmente ao longo da fachada. Comparando a distância da ornamentação das primeiras janelas (18 cm) com a distância dos ornamentos das últimas janelas (3cm), comprova-se essa mesma ideia.

²⁴ Eixo definido pelo alinhamento dos vãos dos piso térreo e do andar nobre.

²⁵ A exactidão destas medidas apenas foi confirmada nos três primeiros vãos, à direita da capela, junto à entrada.

²⁶ No caso concreto da fachada em estudo a curvatura corresponde a um arco parabólico e não um arco de circunferência como o apresentado no esquema explicativo.

²⁷ No livro de assentos de óbito de Gafanhão, a 20.061791, lê-se “faleceu da vida presente Agostinho ?? mestre pedreiro natural do Minho, e não recebeu os Sacramentos porque o mataram”. Não sabemos se colaborou na construção da Casa Grande de Grijó, no entanto destacamo-lo por testemunhar a presença de mão de obra minhota nesta região da Beira Alta.

AGRADECIMENTOS

Aos professores e arquitectos, Dr.^a Marta Oliveira e Dr. José Quintão, Maria Sofia Santos e Sílvia Ramos, agradecemos a generosidade com que partilharam o gosto e o saber pela arquitectura barroca.

Reconhecemos ainda o contributo do arq. Fernando Abrunhosa de Brito e do Paulo Duarte de Almeida na pesquisa genealógica da família “Coelho Cardoso”. Por fim um agradecimento ao prof. Abílio Pereira de Carvalho e aos herdeiros da família Almeida Dias.

ANEXO

A ausência de estudos específicos sobre o ramo da família que encomendou a Casa Grande de Grijó conduziu à natural pesquisa nos arquivos distritais de Viseu, Porto, Coimbra, Lisboa e Beja. O cruzamento dos dados recolhidos nos assentos paroquiais, no traslado da instituição do vínculo e no processo de justificação de nobreza revelou uma complexa teia de relações familiares que procurámos reestabelecer. A sua leitura permite-nos apontar, com a possível certeza, a ligação entre as casas de Cardosos (apresentada por Felgueiras Gayo) e ascendência do conde de Bovieiro, conforme se segue:

COELHO CARDOSO

1. MANUEL COELHO (Cardosos, § 15, N11), abade do Gafanhão, filho de Simão Coelho Cardoso e Inácia Esteves de Almeida. Em 1636 a abadia do Gafanhão estava vaga por seu falecimento. Apontamos como sua possível descendência:
 2. Manuel Ribeiro Coelho († Grijó, Gafanhão, 17.08.1681) instituidor do vínculo, matriculado em Medicina na Universidade de Coimbra, 1635-1537;
 2. Maria Coelho († Grijó - Gafanhão, 28.09.1689) instituidora do vínculo;
 2. Domingas Coelho († Grijó - Gafanhão, 5.08.1689) que se segue.
2. DOMINGAS COELHO cc António Teixeira († Grijó, 13.01.1694):
 3. Francisca Coelha, que segue;
 3. Domingos Teixeira;
 3. P.^e Manuel Ribeiro Coelho († Grijó, 5.07.1689).
3. FRANCISCA COELHO DO AMARAL cc António Cardoso Soares:
 4. Maria Coelho do Amaral, que se segue;
 4. Isabel Cardoso (* Grijó, 6.02.1690);
 4. Francisca (* Grijó, 11.04.1695).
4. MARIA COELHO DO AMARAL cc (Gafanhão, 15.08.1709) Cap. Manuel Teixeira de Brito (* Grijó, 15.08.1686) filho de Barnabé Gomes e de sua mulher Isabel Teixeira (casados em Reriz 2[?].02.1685). Tiveram:
 5. Manuel (* Grijó, 20.12.1711);
 5. José (* Grijó, 15.04.1714);

5. P.º BRÁS LUÍS COELHO CARDOSO (* Grijó, 21.08.1718, † Reriz, 19.06.1789). Foram padrinhos de baptismo: Brás de Almeida e Vasconcelos (11.º senhor de Mossâmedes) e, sua parente, D. Antónia Caetana de Mesquita (Quinta da Negroza, Várzea). Estudou Cânones na Universidade de Coimbra entre 1741-1748. Com 30 anos, em 1758, era já abade de Reriz e, passados 10 anos, em Dezembro de 1768 pediu a bênção para a capela da Casa de Grijó, quando era administrador do vínculo;
 5. Mariana de Santa Rosa (* Grijó, 20.04.1721 † Reriz, 19.10.1780);
 5. Teresa Joana (* Grijó, 13.10.1723, † Reriz, 13.08.1793), que segue;
 5. Engrácia Maria de Santa Rosa (* Grijó, 27.09.1725, † Reriz, 7.01.1770);
 5. Angélica (* Grijó, 11.07.1728);
 5. Maria Joaquina de Santa Rosa († Reriz, 4.06.1794).
5. D. TERESA JOANA COELHO D. E AMARAL cc Cap. João Teixeira de Brito (* Samudães, † Reriz, 3.04.1794) filho de P.º João Teixeira Coelho e Marcelina [?]. Tiveram:
6. D. Rosa Joaquina Teixeira Coelho Cardoso (* Grijó, 9.04.1756), que segue. Foram padrinhos de baptismo: o licenciado P.º João Mello Abreu, abade de Sul, e P.º António de Almeida;
 6. P.º Agostinho José Teixeira Coelho Cardoso (* Grijó, 23.06.1757[?], † Reriz, 29.05.1806). Sucedeu a seu tio, Brás Luís Coelho Cardoso, na abadia de Reriz por consentimento do Bispo a 16.12.1781;
 6. D. Engrácia Teixeira Coelho Cardoso (* Grijó, 1.23.1761); cc (Grijó, 5.09.1793) João de Almeida Vasconcelos, filho de João de Almeida de Loureiro e D. Mariana (Quinta de Ferronha, Vil de Souto).
6. D. ROSA JOAQUINA TEIXEIRA COELHO CARDOSO cc (Igreja de Santo Ildefonso - Porto, 8.12.1771) com desembargador Feliciano Ramos Nobre Mourão (* Salvada-Beja, 9.06.1727, † Goa), filho de Francisco Ramos Nobre e D. Maria Martins Mourão [vd. Ramo Nobre Mourão]. Tiveram:
7. D. Maria do Carmo (* Reriz, [?]) 3.07.1773);
 7. José Xavier Cardoso Nobre (* Goa), que segue;
 7. D. Ana Joaquina Teixeira Coelho Cardoso Nobre (* Daugim, Goa); cc (Lisboa - Mercês, 2.03.1800, no “oratório das cazas onde reside D. Rosa Joaquina Coelho Cardoso (sita na Rua da Rosa) com seu primo, o cap. João António Ramos Nobre, filho de Alexandre Ramos Nobre Mourão e de D. Rita Maria do Carmo Fortes Pereira de Andrade” [vd. Ramos Nobre Mourão]
 7. P.º Joaquim Xavier Cardoso Nobre (* Goa, † Grijó, 1810);
 7. D. Joaquina Xavier († Grijó, 26.07.1810).
- D. Rosa Joaquina Teixeira Coelho Cardoso, viúva, casou em segundas núpcias (Lisboa, Mercês, 27.09.1800) com Joaquim Francisco Cid.
7. Dr. JOSÉ XAVIER CARDOSO NOBRE (* Goa), desembargador da Casa da Relação do Porto, estudou Direito – Cânones na Universidade de Coimbra (1792-1797), doutoramento (1798). Teve carta de brasão de armas passada a 2.09.1805. Casou com a sua prima (Salvada, Beja, 25.01.1808 – na “casa de campo de D. Rita [...] viúva do capitão”), D. Isabel Narcisa Fortes Nobre, filha do Cap. Alexandre Ramos Nobre Mourão e de D. Rita Maria do Carmo Fortes Pereira de Andrade. [vd. Ramo Nobre Mourão]. Tiveram:
8. D. Maria Isabel Cardoso Coelho Nobre (* 23.03.1813, † 18.05.1874), que segue.
Teve com Maria de Almeida (* Reriz), filha de José Gomes e sua mulher Rosa de Almeida;
 8. António (* Grijó, 26.jan.1806, † Grijó, 15.03.1807). O assento de óbito identifica o pai.

8. P.º Joaquim José Xavier Coelho Cardoso Nobre (* Grijó, 27.05.1807). Estudou Direito na Universidade de Coimbra (1840-1845). A certidão de idade identifica o pai. Abade na igreja de S. Tomé de Bitarães (Paredes). Celebrou o casamento da irmã Maria Isabel, e aparece como seu testamenteiro: “Nomeio por meu testamenteiro mano Joaquim José Xavier Coelho Cardoso”.

8. D. MARIA ISABEL CARDOSO COELHO NOBRE cc (Abragão, Penafiel, 9.02.1836) Rodrigo Monteiro Corrêa de Vasconcelos Guedes Mourão, da casa de Bovieiro, fidalgo da casa real. [com descendência tratada].

RAMO NOBRE MOURÃO

1. Cap. FRANCISCO RAMOS NOBRE (* Casével, Campo de Ourique), filho de Manuel Nunes Pixeiro (* Ourique) e de Brites Rodrigues Nobre (* Casével), cc Maria Martins Mourão (* Espírito Santo - Mértola), filha de António Martins Mourão (* Espírito Santo, Mértola) e de Isabel Rodrigues (* São Sebastião - Mértola). Tiveram:

2. Desembargador FELICIANO RAMOS NOBRE MOURÃO (* Salvada - Beja, 9.06.1727, † Goa); estudou Leis, na Universidade de Coimbra entre 1744-49. desempenhou as seguintes funções no Reino e Colónias: a de familiar do Santo Ofício (1757), a de cavaleiro da Ordem de Cristo (1758), a de ouvidor geral da comarca do Pará (1761), a de desembargador da Relação do Porto (1763), a de ouvidor geral para a Índia (1774) e a de Secretário do Estado da Índia e Conselheiro do Conselho Ultramarino, tendo lhe sido atribuída as cartas de Título de Conselho e de Desembargador da Mesa do desembargo do Paço (1786); cc D. Rosa Joaquina Teixeira Coelho [vd. Ramo Coelho Cardoso];
2. P.º António Feliciano Ramos Nobre Mourão, ordem de Santiago (* Salvada - Beja, 19.06.1729);
2. Cap. Alexandre Ramos Nobre Mourão (* Salvada - Beja, 1.04.1731), que segue.

2. ALEXANDRE RAMOS NOBRE MOURÃO cc (10.01.1770) D. Maria Joana Lampreia filha do Cap. Manuel Gomes Baião e D. Joana Lampreia (Albernoa - Beja), sem descendência. Casou, em segundas núpcias, (Salvada - Beja, 23.12.1773) com D. Rita Maria do Carmo Fortes Pereira de Andrade, filha de João Pereira de Andrade (S. Vicente da Pereira, Vila da Feira) e D. Maria Fortes (S. Martinho das Amoreiras, Ourique), moradores na quinta de Silva Lobos, termo da cidade de Beja.

Tiveram os seguintes filhos:

3. Feliciano Ramos Nobre Mourão (* Salvada - Beja, 28.12.1774); foi padrinho baptismo: Dr. Bernardo José Pereira de Andrade; estudou Leis na Universidade de Coimbra entre 1793-1799;
3. Cap. JOÃO ANTÓNIO RAMOS NOBRE (* Salvada - Beja, 17.01.1776); foi padrinho de baptismo: João Pereira de Andrade; estudou Matemática na Universidade de Coimbra entre 1793-1796; cc D. Ana Joaquina Teixeira Coelho Cardoso Nobre [ver Ramo Coelho Cardoso];
3. Francisco (* Salvada - Beja, 2.03.1779);
3. Mariana (* Salvada - Beja, 21.09.1781);
3. Bernardo José (* Salvada - Beja, 3.01.1785);
3. ISABEL NARCISA FORTES NOBRE (* Salvada - Beja, 20.09.1786); cc José Xavier Coelho Cardoso Nobre [vd. Ramo Coelho Cardoso];
3. Ana (* Salvada, 20.09.1788); foi padrinho de baptismo: José Xavier Cardoso Nobre;
3. José (* Salvada - Beja, 23.04.1790).